

## VOZES SILENCIADAS: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA MÍDIA E SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE<sup>1</sup>

Gabriel Batista Santos<sup>2</sup>  
Valéria Aparecida Bari<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo “Vozes Silenciadas” analisa o preconceito linguístico no Brasil, especialmente sua presença nas mídias e na sociedade. Em um país diverso, a valorização do Português-Padrão e a exclusão de variantes regionais, como a nordestina, revelam relações de poder e exclusão social. A pesquisa utiliza revisão bibliográfica, com base em autores como Marcos Bagno. Observa-se que a mídia reforça estereótipos ao julgar as variantes regionais de fala. Um exemplo recente é a crítica à fala de um presidente nordestino, vista na pesquisa como um exemplo de preconceito linguístico. O estudo propõe políticas editoriais inclusivas e o uso da sociolinguística no jornalismo. Defende que o preconceito linguístico é estrutural e histórico, exigindo mudança de postura social. A valorização de todas as variantes é essencial para a democratização da comunicação brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** preconceito linguístico; variantes da língua portuguesa; imprensa brasileira; mídias e sociedade; comunicação pública.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2 | Comunicação Pública, Direitos Humanos, Diversidade e Acessibilidade no III Congresso Brasileiro de Comunicação Pública, realizado de 20 a 22 de outubro de 2025, em São Cristóvão/SE.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFS, e-mail: [gabrielbs.science@gmail.com](mailto:gabrielbs.science@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Informação pela ECA/USP. Docente pesquisadora do Magistério Superior da UFS, e-mail: [bari2009@academico.ufs.br](mailto:bari2009@academico.ufs.br).

## 1. Introdução

A língua se constitui no registro da cultura, das ideias e das tradições de uma coletividade, sendo que a mesma propicia um conjunto de linguagens e registros, que viabilizam a comunicação, a mediação e a patrimonialização da informação e do conhecimento.

No Brasil, um país que é marcado por sua diversidade linguística, conhecido como “multilinguístico”, ainda assim sofre com a desvalorização dessa diversidade, conhecida como preconceito linguístico. Isso ocorre devido a exclusão de variantes regionais e socioeconômicas da fala, nos processos de comunicação e mediação da informação e do conhecimento. Ou seja, o falante de uma variante, em relação ao Português-Padrão, poderá ser inclusive desautorizado, mesmo sendo um cidadão em condições de contribuir com o debate ou a construção de conhecimento.

Esse preconceito está presente em espaços sociais, principalmente nas mídias. É reforçada a questão da hierarquia simbólica na qual existe uma influência das representações sociais sobre o falar “certo” e “errado”, quando os detentores ou editores dos órgãos de imprensa ou mídias e suas linguagens se comportam de forma opressora sobre as outras variantes linguísticas existentes na sociedade.

Em continuidade às observações factuais já desenvolvidas, sobre o preconceito linguístico no Brasil, o presente estudo observa as tendências e as mais recentes pesquisas sobre o preconceito linguístico, com ênfase na Região Nordeste e sua variação linguística do Português.

O tema preconceito linguístico foi aqui estudado, com metodologia de pesquisa básica, exploratória e descritiva (Gil, 2010). Como quadro operacional, o estado do conhecimento foi obtido por meio de pesquisa, aplicada à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Quanto aos elementos analíticos, foram constituídos por meio de referencial teórico e estado da arte, selecionados por meio de revisão bibliográfica narrativa (Antoniassi, 2024, p. 23).

O preconceito linguístico tem por base que diferenças nas formas de expressão oral, como o vocabulário, expressões e sotaques, classificam e autorizam certos espaços de fala. Para Carlos Bagno: “O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única Língua Portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários” (Bagno, 1999, p.40

apud Greimes, 2021, p.83). Sendo assim, podemos e devemos discutir se a Língua Portuguesa é realmente apenas o que aprendemos na formalidade de nossa educação, ou como a ouvimos em grande parte das transmissões televisivas, radiofônicas e digitais, ou as formas que lemos na literatura do século XIX.

A língua está viva e a comunicação está disseminada no Brasil que é um país grande de dimensão continental. Nada mais devemos aos portugueses, pois já não falamos a língua de seu pequeno país e não lhe devemos tributos.

Sendo assim, a questão de partida, que expressa o problema de pesquisa deste estudo foi: Porque ainda perdura a ideia de que as variações linguísticas são erros, assim como seus falantes são menos preparados?

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Para iniciar este trabalho, foi feito um levantamento sobre como o preconceito linguístico se manifesta dentro das mídias e como é refletido na sociedade brasileira. Isso ocorre quando os veículos de comunicação propõem a seus quadros a padronização da fala ou não se manifestam diante de casos de discriminação linguística.

Assim, no Estado do Conhecimento sobre o tema dentro do Brasil, foi realizado uma pesquisa no acervo da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Por meio do descritor “Preconceito Linguístico”, 90 trabalhos foram encontrados, porém, somente 3 desses trabalhos descrevem a imprensa brasileira.

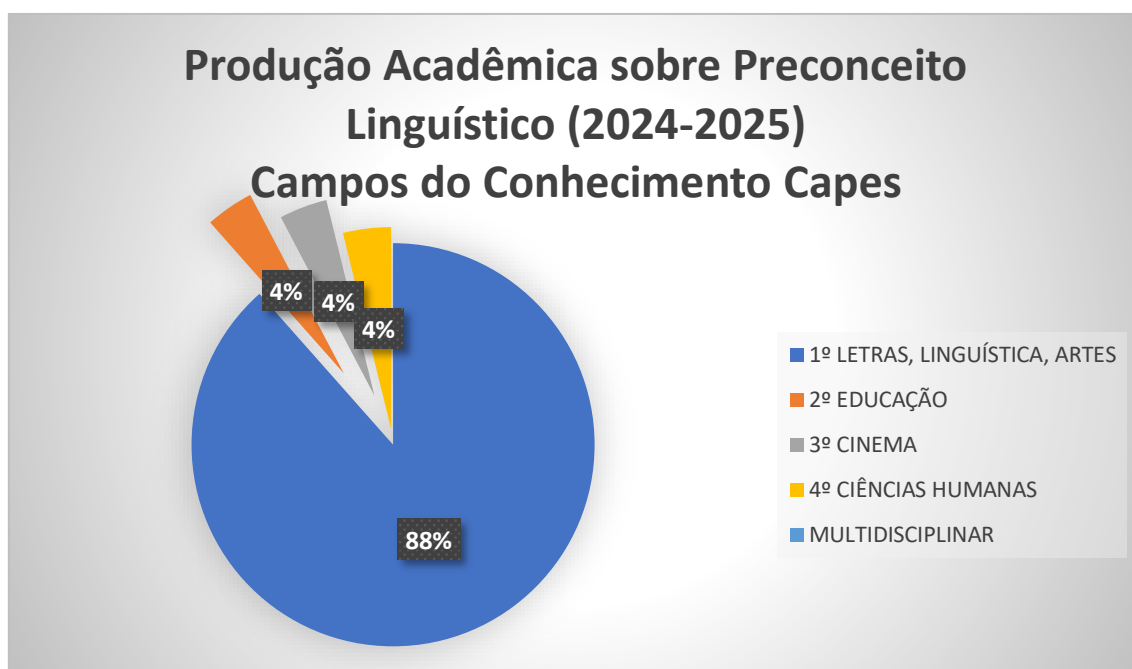
Na Revisão Narrativa da Literatura, foram apresentados autores como Bagno, Gremes, Coutinho, Zanardi e Silva. A metodologia se constituiu num item específico, que trata do quadro operacional de pesquisa. É muito importante que o processo gerativo da comunicação proposta seja compreendido, já que o tema é relativamente pouco explorado na produção de conhecimento sobre Comunicação na atualidade.

### **2.1 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO BRASIL**

No Brasil, segundo dados relatados em pesquisa à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foram publicados 90 trabalhos de pós-graduação, considerados

manuscritos, sendo 64 dissertações e 26 teses, com a temática do Preconceito Linguístico, no período de janeiro de 2024 a agosto de 2025. Essas publicações estão distribuídas nas seguintes áreas do conhecimento da Capes, conforme informações disponibilizadas na BDTD (gráfico 1).

**GRÁFICO 1:** Produção Acadêmica sobre Preconceito Linguístico no Brasil (2024-2025)



**Fonte:** Tabulação de dados coletados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), 2025.

É possível notar que a academia brasileira tem se debruçado sobre o tema do preconceito linguístico, a partir da emergência de movimentos sociais. Mas, do ponto de vista da docência, pesquisa e extensão, temos a liderança do pesquisador Marcos Bagno (1999), que influenciou a legitimação deste tema de pesquisa.

Dos 90 trabalhos recuperados, apenas três se prestam a observação da situação da imprensa e da academia, conforme o quadro 1, na questão do preconceito linguístico, sendo as demais produções acadêmicas voltadas para outros ambientes e situações nas quais este fenômeno pode ser observado, como nas práticas pedagógicas escolares.

**QUADRO 1:** Dissertações e teses publicadas sobre o Preconceito Linguístico nos ambientes acadêmico e imprensa (2024-2025)

Manuscrito	Autoria	Título	Programa
Dissertação (2024)	Ana Paula Silva	<b>Variação Linguística como marca identitária na Universidade.</b>	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem PPGEL/UDEL.
Dissertação (2024)	Hugo Leonardo Lima de Aguiar	<b>A variação linguística e o Português do Brasil:</b> uma análise sobre o idioma, a elite e o (des)respeito.	Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão PGLETRAS/CCH/UFMA
Tese (2024)	Reinaldo César Zanardi	<b>Linguagem politicamente correta:</b> um estudo sobre variantes linguísticas na produção jornalística da Folha de São Paulo.	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem PPGEL/UDEL.

**Fonte:** Dados de pesquisa coletados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), 2025.

Por meio deste levantamento, também foi observada a utilização de diferentes fontes de informação, como referencial ou marco teórico nos estudos apontados, que nos ajudou a estabelecer o estado da arte.

## 2.2 REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

Na Revisão de Literatura, de natureza narrativa, a fundamentação teórica está ligada aos estudos de Marcos Bagno (1999), autor da obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?”, que manifesta a imposição da norma padrão existente na língua portuguesa. A mesma é imposta pela elite letrada, criando um apagamento das outras variantes linguísticas regionais. Bagno aponta também que a língua é utilizada como uma forma de instrumento para dominação do corpo social, menosprezando os outros falares da língua (Bagno, 1999, p. 9).

Rayane Peixes Gremes (2021, p.81), aponta que: “para Saussure, no que tange os estudos da linguística, a língua é tida como um sistema de signos que pode ser um fato social, não pela ordem do histórico social, mas sim pelo fato de envolver indivíduos falantes”. Sendo assim, pode-se verificar no estudo que a elite usa a língua portuguesa como forma de manutenção no poder político, econômico e cultural. O especialista Ismael

de Lima Coutinho e sua obra “Pontos de Gramática Histórica” (1938), estabelecem, respectivamente, o marco teórico levantado sobre as pesquisas de preconceito linguístico no Brasil. Como uma das produções mais recentes sobre o tema, o trabalho de pesquisa de Alan Alves (2011), verifica a institucionalização do preconceito linguístico pela mídia, ao observar estratégias e também os constrangimentos das pessoas de outras regiões do país, quando o sotaque se revela como identidade.

Segundo Coutinho, tanto a conceituação da variação linguística quanto o preconceito em relação a ela, são originários dos estudos da Gramática Histórica (Coutinho, 1938, p. 13). Paschoal, ao trabalhar especificamente na docência da Língua Portuguesa entre alunos originários de classes populares, expressa a sensação de alívio que os mesmos têm, quando se é apresentada a conceituação da variação linguística, em substituição da propagada marca do preconceito linguístico (Paschoal, 2019, p. 76). No início do séc. XX, linguistas já estudavam e defendiam a ideia da variação linguística no Brasil, como uma questão geográfica e cultural.

Para Coutinho: “As modificações vigentes, que prometem ser mais profundas à proporção que o tempo for passando, dado o enfraquecimento de nossas relações com Portugal, são já por si suficientes para caracterizar a existência entre nós de um dialeto” (Coutinho, 1938, p. 13).

Para Coutinho, considerado por muitos especialistas como o primeiro linguista e pesquisador brasileiro que se voltou ao estudo da variação, assim como do preconceito linguístico: “É palpável, diz Antenor nascentes, a diferença entre o falar cansado do nortista e o falar descansado do sulista [...] (Coutinho, 1938, p. 124).

Contudo, a situação midiática, sem discutir ou identificar essas possíveis variações linguísticas no país, escolhe a padronização da comunicação, segundo os parâmetros de uma formalidade e uma aproximação com o modo de fala dos brasileiros da Região Sudeste. Não existe justificativa, mas a escolha não é arbitrária. O Sudeste é uma região onde se estabeleceu a Família Real, após a fuga das tropas napoleônicas, e, mais tarde, a política e a economia brasileira propiciaram o florescimento da imprensa e o avanço das tecnologias de comunicação. A expressão do preconceito linguístico, na prática, é a supressão das variações linguísticas que não foram escolhidas pelo capital financeiro e social, das falas autorizadas, especializadas e mesmo da comunicação nas

mídias sociais. Quando esta variação aparece, vem como recurso para reforçar o estereótipo da pobreza, ignorância, caracterizando como “erro”.

A composição do estado da arte das três obras citadas tem, em comum, os estudos mais recentes da sociolinguística, variação linguística, intersecção entre a língua e a sociedade. O autor citado com frequência nas pesquisas recuperadas, se repete nos três manuscritos examinados: Marcos Bagno. Entre as obras de Marcos Bagno, as mais citadas nos trabalhos pesquisados são:

- "A Língua de Eulália: novela sociolinguística": Um livro que aborda a sociolinguística de forma acessível e didática, utilizando a narrativa para explicar conceitos como variação linguística e preconceito (Bagno, 1997).
- "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz": Um livro fundamental para a discussão sobre o preconceito linguístico, mostrando como ele se manifesta na sociedade e como pode ser combatido (Bagno, 1999).
- "Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social": Um livro que analisa a relação entre a língua portuguesa, a tradição gramatical, a mídia e a exclusão social (Bagno, 2000).
- "Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística": Um livro que discute a importância da variação linguística no ensino da língua portuguesa (Bagno, 2007).
- "Gramática pedagógica do português brasileiro": Uma gramática que busca apresentar o português brasileiro de forma mais próxima da realidade linguística da população (Bagno, 2012).
- "Gramática de bolso do português brasileiro": Uma versão compacta da gramática pedagógica, ideal para consultas rápidas (Bagno, 2013).
- "A invenção das horas": Uma obra de ficção, com contos (Bagno, 1997).
- "As memórias de Eugênia": Um romance que explora a história e a vida de uma personagem negra (Bagno, 1997).

A imprensa é diretamente citada em alguns momentos-chave dos estudos. Na tese de Zanardi (2024), o termo imprensa se concentra na relação entre o Manual de



Redação e Estilo da Folha de S. Paulo e as variantes linguísticas vivenciadas pelos jornalistas e colaboradores. Para Zanardi,

O Novo Manual da Redação da Folha não somente reconhece, como também normatiza o que considera politicamente correto. Isso foi feito no início dos anos 1990; portanto, para estar consolidado naquela data, muito debate foi realizado antes disso, revelando as relações entre os órgãos da imprensa e a sociedade nas mudanças que são próprias da evolução social (Zanardi, 2024, 37).

O que foi constatado por Zanardi, no corpo da tese, é que a classe jornalística se antecipou ao sucesso dos movimentos sociais, levando inclusive em consideração tendências da política internacional, com relação à ampliação dos direitos individuais e da dignidade humana, diante dos movimentos sociais emergentes. A comunicação digital foi considerada, por Zanardi, essencial a discussão das variantes linguísticas e sua aparição nas mídias e linguagens. Ainda discute formulações como as de Grillo, que discorre sobre as práticas da imprensa.

As práticas de linguagem jornalísticas, assim como as demais, são regidas por uma estabilidade provisória que se altera em função das inter-relações entre as mudanças da sociedade e das estratégias de identidade dos órgãos de imprensa" (Grillo, 2003, p. 86, apud Zanardi, 2024, p. 31).

A “estabilidade provisória” como expressa por Grillo, encontra-se alterada por um momento de observação e questionamento, assim como de novos olhares sobre o Português-Padrão e outras formas de apropriação, tradução e expressão, que podem ser adotadas nas coletas de depoimentos e entrevistas, ao adaptar a língua falada para o registro escrito.

Nesta estabilidade, garantindo espaços de poder, com a negação dos direitos de estudar, escrever e publicar no Brasil, o período colonial e o Primeiro Império controlaram a circulação de ideias, sendo burlados por uma imprensa clandestina e reprimida com violência.

A partir do Segundo Império, novos momentos foram sucedendo, nos quais a imprensa brasileira foi sucessivamente alvo de controle e repressão. Com isso, pode-se verificar a grandeza da discussão sobre o preconceito linguístico, sendo assumido por uma classe jornalística que não contou com apoio da sociedade em grande parte da história do Brasil. Por outro lado, a prática do Português-padrão também tem uma relação estrutural na cultura brasileira, segundo Ana Paula Silva,



Observa-se que o preconceito linguístico no Brasil acompanha a história do país e se coloca como um processo estrutural da formação da própria sociedade brasileira (Silva, 2024, p. 49).

Contemplando o percurso histórico, Aguiar (2024) verifica que os meios de comunicação, desde a sua versão material impressa, podem ser um meio de negociação de novos valores, assim como de reações conservadoras em relação ao Português-Padrão.

Ao analisar o percurso histórico desde os tempos coloniais até os dias atuais, percebe-se que os meios de comunicação e a mídia têm contribuído significativamente para a disseminação do preconceito linguístico na sociedade brasileira (Aguiar, 2024, p. 29).

Nesse caso, pode-se verificar que o jornalismo brasileiro tem se configurado como o ambiente de discussão sobre a adoção ou não de variantes linguísticas, desde o processo civilizatório brasileiro. Essa discussão é mais antiga do que o termo cunhado por Marcos Bagno (1999), mas tem ocupado os organismos de imprensa e a própria prática da reportagem.

Um exemplo mais recente, de aparição dos sotaques, desperta classificações sociais e preconceitos que nem sempre correspondem à verdade. Segundo Guimarães:

Recentemente escutei o episódio “Nordeste: fome, falta e manipulação” do podcast Prato Cheio. Na introdução do episódio podemos ler: “Ser nordestina é carregar consigo, na origem, nos sotaques, uma série de estigmas advindos de um país extremamente classista (Guimarães, 2022, s/p).

Ainda, comentado em manuscrito anterior, já estudado, o Trabalho de Conclusão de Curso de Alan Pereira Alves: “É notório vermos como a mídia aborda o preconceito linguístico, mistificando o conceito de que existe uma única forma correta de se falar” (Alves, 2011, p. 8). Logo, vê-se que, a mídia brasileira, faz com que o corpo social acredite que os meios de comunicação trabalham e dão voz a temática do preconceito linguístico, deparando tendências que favorecem ou combatem a diversidade.

## 2.3 METODOLOGIA

Este trabalho realizou uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, que, de acordo com Gil (2008), se fundamenta no método dialético, ao reconhecer a reflexão e a dialogicidade para interpretações dinâmicas. A metodologia se baseia no levantamento do estado do conhecimento, com posterior revisão bibliográfica narrativa. A análise inclui examinar a construção de argumentos na imprensa e criticar o uso do preconceito para pautas sensacionalistas, em detrimento de uma abordagem ética.

Os procedimentos da pesquisa de estado do conhecimento envolvem definir o recorte (tempo, contexto, gêneros textuais), construir uma bibliografia sistematizada através da leitura de resumos, organizar as produções selecionadas em categorias e, por fim, realizar uma análise interpretativa e propositiva sobre o que foi mapeado.

Por sua vez, a revisão literária de caráter narrativo, ao se deparar com a diversidade das fontes e a indicação de outras obras que lhe serviram de base, se destina a escolha qualitativa das leituras, com vistas a produzir um apanhado que vislumbra o estado da arte e suas tendências.

O objetivo geral da presente comunicação científica é dialogar sobre o preconceito linguístico, do ponto de vista das mídias, da imprensa e suas estratégias para reforçar estruturas de poder hegemônicas. Ou seja, existe um capital, intelectual, econômico e social, que se traduz em estruturas de poder no Brasil. A fala é um recurso, que é visto como um sinônimo de poder, à medida que o falante tem domínio de um vocabulário e um sotaque da Região Sudeste.

Os objetivos específicos são: problematizar o silenciamento ou o posicionamento da mídia, quando acontecem casos de preconceito linguístico; verificar como o preconceito linguístico é reforçado pela mídia e a imprensa.

Sendo um estudo de natureza básica e qualitativo, não foram especificadas a população e a amostra. Os objetos “Variação Linguística” e “Preconceito Linguístico”, complementares entre si, serão discutidos dentro da temática apresentada.

O campo empírico de observação foram as mídias e seus bens culturais, assim como a imprensa e suas estratégias de jornalismo. Os contrastes observados, são os de caráter regional, no qual o estranhamento pela variação linguística varia entre a surpresa e o acolhimento, do ponto de vista positivo; até chegar à segregação e a negação, que são sintomas sociais da intolerância à diversidade, assim como indicadores do preconceito linguístico.

Os procedimentos de coleta de dados foram relacionados ao estado do conhecimento, que foi elaborado como resultado da busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), tematizada pelas seguintes palavras-chave, com aplicação de operadores booleanos: preconceito linguístico; variantes da língua portuguesa; imprensa brasileira; mídias e sociedade; comunicação pública.

O aprofundamento da pesquisa, obtida inicialmente com a leitura dos resumos e referências das teses e dissertações brasileiras, foi obtida pela observação das fontes de informação adotadas pelos autores das teses e dissertações sobre as temáticas do artigo, com leitura e seleção das mais apropriadas para o estudo proposto.

Para pesquisas de natureza básica e bibliográfica, a ética a ser adotada se baseia principalmente na integridade acadêmica e científica. Diferente de pesquisas que envolvem seres humanos ou animais, o foco ético aqui está na honestidade, na transparência e no respeito aos direitos autorais e ao trabalho de outros pesquisadores. Assim, a redação deste artigo foi feita com os devidos cuidados em: evitar plágio; trabalhar com transparência e honestidade; garantir a confiabilidade das fontes consultadas; buscar a objetividade e a imparcialidade das análises.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como principais resultados, foi observado o fato mais recente, que é a crítica à estratégia econômica federal, como fator de desautorização da fala e da autoridade do próprio Presidente da República, nordestino e operário, como fato de demarcação da continuidade do preconceito linguístico junto à mídia e a imprensa (CNN, 2025). Como considerações finais, torna-se necessária repensar e clarificar a estrutura hegemônica que se encontra inserida na desvalorização da fala de um chefe de estado, mediante a sua origem social, transparecida a identidade e sotaque nordestino, que não seria incluído no comentário pejorativo, caso fosse atribuído a um sudestino. É longo e tortuoso o percurso para uma sociedade mais justa e igualitária, sem que se considere o apagamento das identidades regionais de nós brasileiros.

A composição do estado da arte das três obras citadas tem, em comum, os estudos mais recentes da sociolinguística, variação linguística, intersecção entre a língua e a sociedade. O autor citado com frequência nas pesquisas recuperadas, se repete nos três manuscritos examinados: Marcos Bagno.

A imprensa é diretamente citada em alguns momentos-chave dos estudos. Na tese de Zanardi (2024), o termo imprensa se concentra na relação entre o Manual de Redação e Estilo da Folha de S. Paulo e as variantes linguísticas vivenciadas pelos jornalistas e colaboradores. Para Zanardi,



O Novo Manual da Redação da Folha não somente reconhece, como também normatiza o que considera politicamente correto. Isso foi feito no início dos anos 1990; portanto, para estar consolidado naquela data, muito debate foi realizado antes disso, revelando as relações entre os órgãos da imprensa e a sociedade nas mudanças que são próprias da evolução social (Zanardi, 2024, 37).

O que foi constatado por Zanardi, no corpo da tese, é que a classe jornalística se antecipou ao sucesso dos movimentos sociais, levando inclusive em consideração tendências da política internacional, com relação à ampliação dos direitos individuais e da dignidade humana, diante dos movimentos sociais emergentes. A comunicação digital foi considerada, por Zanardi, essencial a discussão das variantes linguísticas e sua aparição nas mídias e linguagens. Ainda discute formulações como as de Grillo, que discorre sobre as práticas da imprensa.

As práticas de linguagem jornalísticas, assim como as demais, são regidas por uma estabilidade provisória que se altera em função das inter-relações entre as mudanças da sociedade e das estratégias de identidade dos órgãos de imprensa" (Grillo, 2003, p. 86, apud Zanardi, 2024, p. 31).

A “estabilidade provisória” como expressa por Grillo, encontra-se alterada por um momento de observação e questionamento, assim como de novos olhares sobre o Português-Padrão e outras formas de apropriação, tradução e expressão, que podem ser adotadas nas coletas de depoimentos e entrevistas, ao adaptar a língua falada para o registro escrito.

Nesta estabilidade, garantindo espaços de poder, com a negação dos direitos de estudar, escrever e publicar no Brasil, o período colonial e o Primeiro Império controlaram a circulação de ideias, sendo burlados por uma imprensa clandestina e reprimida com violência.

A partir do Segundo Império, novos momentos foram sucedendo, nos quais a imprensa brasileira foi sucessivamente alvo de controle e repressão. Com isso, pode-se verificar a grandeza da discussão sobre o preconceito linguístico, sendo assumido por uma classe jornalística que não contou com apoio da sociedade em grande parte da história do Brasil. Por outro lado, a prática do Português-padrão também tem uma relação estrutural na cultura brasileira, segundo Ana Paula Silva,

Observa-se que o preconceito linguístico no Brasil acompanha a história do país e se coloca como um processo estrutural da formação da própria sociedade brasileira (Silva, 2024, p. 49).

Contemplando o percurso histórico, Aguiar (2024) verifica que os meios de comunicação, desde a sua versão material impressa, podem ser um meio de negociação de novos valores, assim como de reações conservadoras em relação ao Português-Padrão.

Ao analisar o percurso histórico desde os tempos coloniais até os dias atuais, percebe-se que os meios de comunicação e a mídia têm contribuído significativamente para a disseminação do preconceito linguístico na sociedade brasileira (Aguiar, 2024, p. 29).

Nesse caso, pode-se verificar que o jornalismo brasileiro tem se configurado como o ambiente de discussão sobre a adoção ou não de variantes linguísticas, desde o processo civilizatório brasileiro. Essa discussão é mais antiga do que o termo cunhado por Marcos Bagno (1999), mas tem ocupado os organismos de imprensa e a própria prática da reportagem.

Um exemplo mais recente, de aparição dos sotaques, desperta classificações sociais e preconceitos que nem sempre correspondem à verdade. Segundo Guimarães:

Recentemente escutei o episódio “Nordeste: fome, falta e manipulação” do podcast Prato Cheio. Na introdução do episódio podemos ler: “Ser nordestino é carregar consigo, na origem, nos sotaques, uma série de estigmas advindos de um país extremamente classista (Guimarães, 2022, s/p).

Ainda, comentado em manuscrito anterior, já estudado, o Trabalho de Conclusão de Curso de Alan Pereira Alves: “É notório vermos como a mídia aborda o preconceito linguístico, mistificando o conceito de que existe uma única forma correta de se falar” (Alves, 2011, p. 8). Logo, vê-se que, a mídia brasileira, faz com que o corpo social acredite que os meios de comunicação trabalham e dão voz a temática do preconceito linguístico, deparando tendências que favorecem ou combatem a diversidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, o presente trabalho busca observar como o preconceito linguístico se infiltra na mídia brasileira, principalmente em relação ao falar nordestino e suas estruturas sociais. Além disso, o estado do conhecimento e de identificação do preconceito linguístico mostra que as produções acadêmicas fazem uma ligação com a imprensa brasileira, como foi constatado na busca feita na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o tema tem um caráter relevante tanto para o corpo social como para os veículos de comunicação, porém é visível que ainda existe um

número muito pequeno quando se fala da temática do preconceito linguístico na sociedade brasileira voltada principalmente para o nordeste

Dessa maneira, fica mais evidente que a mídia continua a exercer um papel forte na construção de estereótipos da língua, dando voz e lugar somente a “norma-padrão”. Desde a época colonial que práticas de comunicação criaram uma estrutura gramatical sobre a utilização da língua quem estava no poder era quem detinha a forma como essa língua seria utilizada na coletividade, criando assim uma exclusão das outras variantes linguísticas existentes. Esse tipo de conduta resulta em muitas vezes como os manuais de redação são padronizados para a norma culta da língua, silenciando as outras variantes regionais, contribuindo ainda mais para a execução do preconceito que se torna um símbolo de opressão, desvalorizando vozes que devem ser vistas e aceitas na sociedade.

No entanto, é possível destacar que a imprensa brasileira, muitas vezes pode exercer um poder de transformação social, já que, há anos os veículos de comunicação era visto como o Quarto Poder, criando um local acolhedor, diverso e contribuindo para uma diminuição do preconceito linguístico que possuem suas raízes arraigadas. A linguagem jornalística está sempre presa a tensões do jornal, mas que trabalha em prol da diminuição da norma-culta e abrindo espaço para as variantes regionais.

O referencial bibliográfico que foi levantando, mostra que autores como Marcos Bagno, cuja obra *Preconceito linguístico: o que é? E como se faz?* Fundamenta-se, nessa questão do preconceito social que é imposto nas outras variações da língua, destacando como a história não apenas tentou apagar ou manter silenciada essas variações como fez da “norma-padrão”, a única que poderia ser usada seja em ambientes sociais, legislativo e educacionais.

Dessa forma, o jornalismo brasileiro, é observado como local de produção, formação de opinião, necessita assumir uma responsabilidade no que tange o preconceito linguístico, através de políticas editoriais mais justas, formação de profissionais qualificados, reestruturação dos componentes curricular das academias de ensino no curso de jornalismo com a dotação da disciplina de sociolinguística. Esse tipo de postura não apenas vai valorizar e credibilizar as variantes linguísticas como também a valorização de um povo como o nordestino sobre a sua maneira de falar.

Portanto, o preconceito linguístico na mídia brasileira ainda possui grandes entraves a serem sanados. É preciso de engajamento jornalístico, pesquisadores e até a própria sociedade brasileira para que todas as variantes da língua tenham seu valor de igual para igual sem desprestigiar ou excluir qualquer uma delas.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Hugo Leonardo Lima de. **A variação linguística e o português do Brasil: Uma análise sobre o idioma, a elite e o (des)respeito.** 2024. 71 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras- Campus Bacanga) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/5936>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- ALVES, P. Alan. **A mídia e a institucionalização do preconceito linguístico.** Trabalho de Conclusão de curso (Programa de Iniciação Científica) – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (IMESA)/ Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA). Assis/SP, 20 p. 2011. Disponível em: <https://cepein1.fema.edu.br/extrafema/buscarTccCurso.jsp?id=1574>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- ANTONIASSI, G. **Manual de metodologia científica.** 3 ed. Patos de Minas: Faculdade Patos de Minas, 2024.
- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 1997.
- BAGNO, Marcos. **As memórias de Eugênia.** Curitiba: Editora Positivo, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social.** São Paulo: Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz.** São Paulo, Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Vaganau.** São Paulo: Parábola, 2010.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A. **Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 2003.
- CNN/BRASIL, LIVE CNN. **WW - Lula 3 é a pior versão de Lula.** 14 fev. 2025. Disponível em:



<https://www.youtube.com/live/AtIKpE67qIM?si=Q0WMEpkrDhYsNfcm>. Acesso em: 7 jul. 2025.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. Disponível em: <http://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://dn721907.ca.archive.org/0/items/pontos-de-grama-tica-histo-rica-ismael-de-lima-coutinho/PONTOS%20DE%20GRAMÁTICA%20HISTÓRICA%20ISMAEL%20DE%20LIMA%20COUTINHO.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GREMES, Rayany Peixe. A sociolinguística e a desconstrução do preconceito linguístico. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 78-89, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/1364/1431>. Acesso em: 29 maio 2024.

GUIMARÃES, Sandra. Sobre sotaques e preconceito linguístico. Site: **Papacapim**. 15 set. 2022. Disponível em: <http://www.papacapim.org/2022/09/15/sobre-sotaques-e-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

LORETTO FILHO, Jardiel; OLIVEIRA, Cristiane Marthendal de. Sem “lacrção” nesta hora: a era digital e o preconceito linguístico. **Blog Editora Opet**. 29 jun. 2022. Disponível em: [https://editoraopet.com.br/blog\\_opet/sem-lacracao-nesta-hora-a-era-digital-e-o-preconceito-linguistico/](https://editoraopet.com.br/blog_opet/sem-lacracao-nesta-hora-a-era-digital-e-o-preconceito-linguistico/). Acesso em: 28 abr. 2025.

PASCHOAL, Cristiano Sandim. Língua, pra que te quero? princípios sociolinguísticos aplicados ao ensino de língua portuguesa. **Revista Signos**. Lajeado, ano 40, n. 2, 2019. ISSN 1983-0378. DOI: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v40i2a2019.2365>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v40i2a2019.2365>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTANA, Lucilene. **Entrevista concedida a Gabriel Batista Santos**. 1 arquivo MP3 (1,35 min.) Aracaju/SE, 26 mar. 2025.

SILVA, Ana Paula. **Varição Linguística como marca identitária na Universidade**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/34419e0d-cfb7-46fa-ad04-38321e3a621c/content>. Acesso em 08 set. 2025.

TAVARES, Marcela. Canal @MarcelaTavares. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/MARCELATAVARES>. Acesso em: 28 abr. 2025.

ZANARDI, Reinaldo César. **Linguagem politicamente correta**: um estudo sobre variantes linguísticas na produção jornalística da Folha de S. Paulo. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/9277>. Acesso em: 12 ago. 2025.